

CRER PARA COMPREENDER

Quem pode entrar

A pedra do Templo, a casa de oração para todos os povos, Trófimo, o efésio, e o muro derrubado

D. G. DE SOUZA

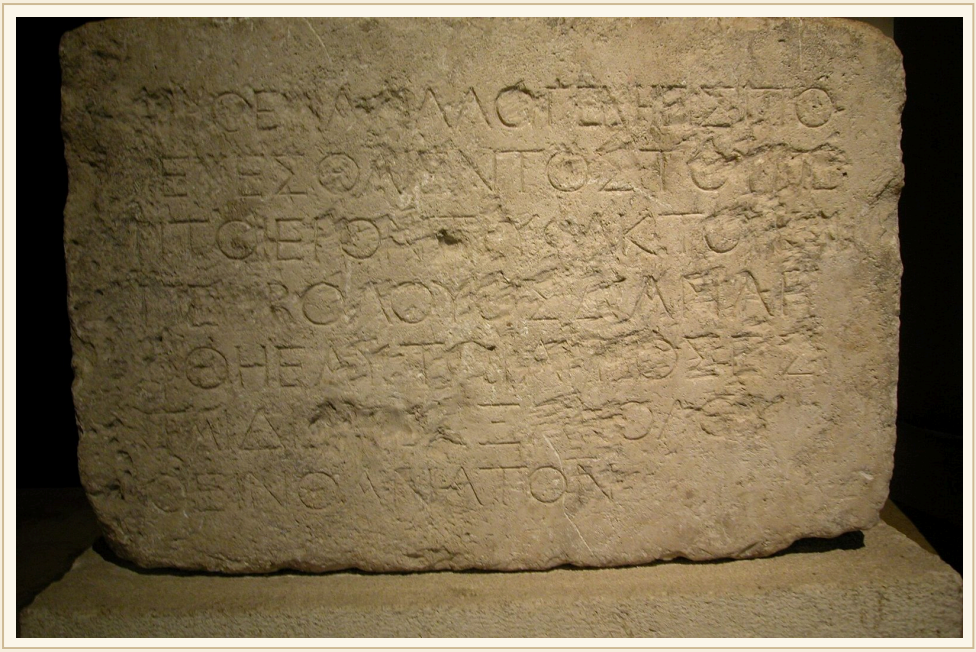
HAC-S01-003



Capítulo I

A pedra que proibia a entrada

Em 1871, junto a uma das portas do norte da esplanada do Templo, em Jerusalém, um jovem arqueólogo francês chamado Charles Clermont-Ganneau achou um bloco de pedra com sete linhas gravadas em grego. Era um aviso. Ele o copiou, traduziu e mandou a notícia a Londres. O bloco está hoje no Museu de Arqueologia de Istambul.[1]



A pedra da advertência achada por Clermont-Ganneau em 1871, hoje no Museu de Arqueologia de Istambul.

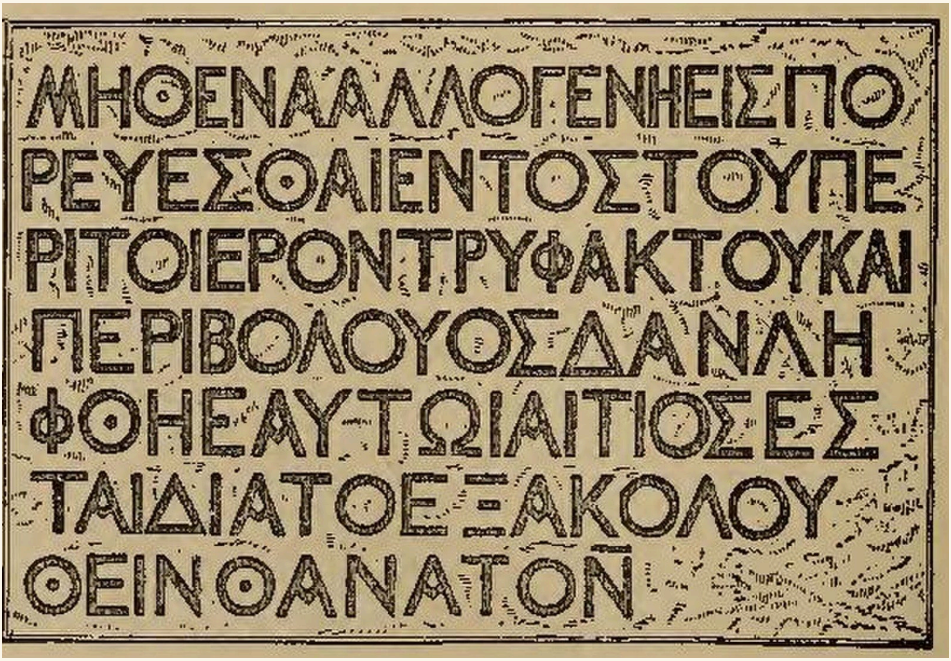
Yong Woo Park, c. 2007, inscrição de advertência do Templo, Museu Arqueológico de Istambul (CC0)

A inscrição de advertência do Templo (c. 23 a.C.–70 d.C.)

Μηθένα ἀλλογενῆ εἰσπορεύεσθαι ἐντὸς τοῦ περὶ τὸ ἱερὸν τρυφάκτου καὶ περιβόλου. Ὃς δ' ἂν ληφθῇ, ἑαυτῷ αἴτιος ἔσται διὰ τὸ ἐξακολουθεῖν θάνατον.

"Nenhum estrangeiro entre dentro da balaustrada e do recinto em volta do santuário. Quem for apanhado será, ele mesmo, culpado da morte que se seguirá."

Em 1935 ou 1936, operários que trabalhavam fora da Porta dos Leões acharam um fragmento de outra cópia, com restos de tinta vermelha nas letras; está no Museu de Israel. Josefo, que conheceu o Templo antes de ele cair, descreve essas placas: uma balaustrada de pedra de três côvados de altura corria em volta do santuário, e nela havia, a intervalos iguais, colunas com avisos, "umas em letras gregas, outras em romanas: que nenhum estrangeiro entrasse dentro do santo".[2]



As sete linhas da inscrição, numa gravura publicada em 1895.

Henry B. Waterman, 1895, The Holy Land in the light of recent surveys and explorations, Chicago, C. F. Rassweiler; exemplar da Library of Congress no Internet Archive (domínio público)

Os graus de santidade



O Templo de Jerusalém era feito de recintos, um dentro do outro, cada um mais santo que o anterior. No pátio de fora, diz Josefo, "podiam entrar todos, mesmo os estrangeiros". Depois vinha a barreira das placas; depois o pátio das mulheres de Israel, o dos homens, o dos sacerdotes; e, no fundo, o santuário, onde só o sumo sacerdote entrava, uma vez por ano. A Mishná, escrita por volta de 200, conta "dez santidades", da terra de Israel ao Santo dos Santos.[3]

"Pátio dos Gentios"

O nome que se usa hoje para o pátio de fora do Templo é moderno. As fontes antigas dizem "o primeiro recinto" (Josefo) ou "o monte da Casa" (a Mishná). O estrangeiro podia estar ali; não podia passar da barreira.

A palavra da pedra para "estrangeiro" é *allogenēs*, "de outra raça". É exatamente a palavra que Jesus usa no Evangelho de Lucas para o leproso samaritano que voltou para agradecer: "Não houve quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?" (17:18). E foi por causa dessa barreira que, anos depois, uma multidão quase matou o apóstolo Paulo no Templo, como se verá adiante.

Outra pergunta

O Evangelho de João guardou uma conversa sobre esse Templo, junto ao poço de Jacó. Como vimos no episódio sobre o templo que João Hircano destruiu (HAC-S02-008), Jesus disse a uma samaritana que vinha a hora em que nem no monte dela nem em Jerusalém se adoraria o Pai, e o evangelista mostrou que o santuário verdadeiro era o corpo de Jesus (João 4:21-24; 2:19-21). Aquela conversa tratava do lugar. A pedra de Clermont-Ganneau trata das pessoas: não diz onde adorar, diz quem deve parar. E a Bíblia fala do estrangeiro que chega à porta desde a dedicação do primeiro Templo até a última página.



Capítulo II

Um só santuário de um só Deus

A ideia vinha da Lei de Moisés. No capítulo doze do Deuteronômio, Israel recebe a ordem de não sacrificar em qualquer lugar, mas só num.

E será o lugar que o SENHOR, vosso Deus, escolher para ali fazer habitar o seu nome; para lá trareis tudo o que eu vos ordeno.

DEUTERONÔMIO 12:11

Repare: quem habita no lugar é o "nome" de Deus. O texto não diz que Deus cabe num recinto. E o Deuteronômio não diz qual é o lugar; quem conhecia a história de Davi e de Salomão sabia que era Jerusalém. A palavra hebraica, *ha-maqom*, "o lugar", virou na Bíblia grega *ho topos*, e no grego dos judeus do século I "o lugar" era o modo de dizer o Templo. É a palavra que a samaritana usa ("em Jerusalém está o lugar onde é preciso adorar", João 4:20) e a que os chefes de Jerusalém usam com medo dos romanos: "virão e nos tirarão o lugar e a nação" (11:48).[1]

Josefo e Fílon

Os judeus do século I defendiam o Templo único como consequência de crer num só Deus. Josefo escreve, em Roma, uns vinte e cinco anos depois de o Templo ter sido queimado:

Josefo, *Contra Ápion* 2.193

Εἷς ναὸς ἑνὸς θεοῦ, φίλον γὰρ ἀεὶ παντὶ τὸ ὅμοιον, κοινὸς ἁπάντων κοινοῦ θεοῦ ἁπάντων.

"Um só santuário de um só Deus, pois o semelhante é sempre amigo do semelhante; comum a todos, do Deus comum a todos."

Ele escreve no futuro, como se o Templo continuasse de pé: "os sacerdotes o servirão continuamente". Nas *Antiguidades*, resume a lei com uma frase que é dele, e não do Deuteronômio: "Deus é um, e a raça dos hebreus é uma".[2]

Fílon de Alexandria, um judeu de língua grega que escreveu antes da destruição, diz o mesmo e conta o que via: "dezenas de milhares, de dezenas de milhares de cidades, uns por terra, outros por mar, em cada festa aportam ao santuário como a um porto comum". E ali, acrescenta, "firmam amizade com os que até então não conheciam".[3] O Templo era o lugar onde um povo espalhado pelo mundo se encontrava.





Fílon de Alexandria num retrato imaginário de André Thevet (1584). Não existe retrato antigo dele.

André Thevet, 1584, Les vrais pourtraits et vies des hommes illustres grecz, latins et payens, Paris (domínio público)

O céu dos céus

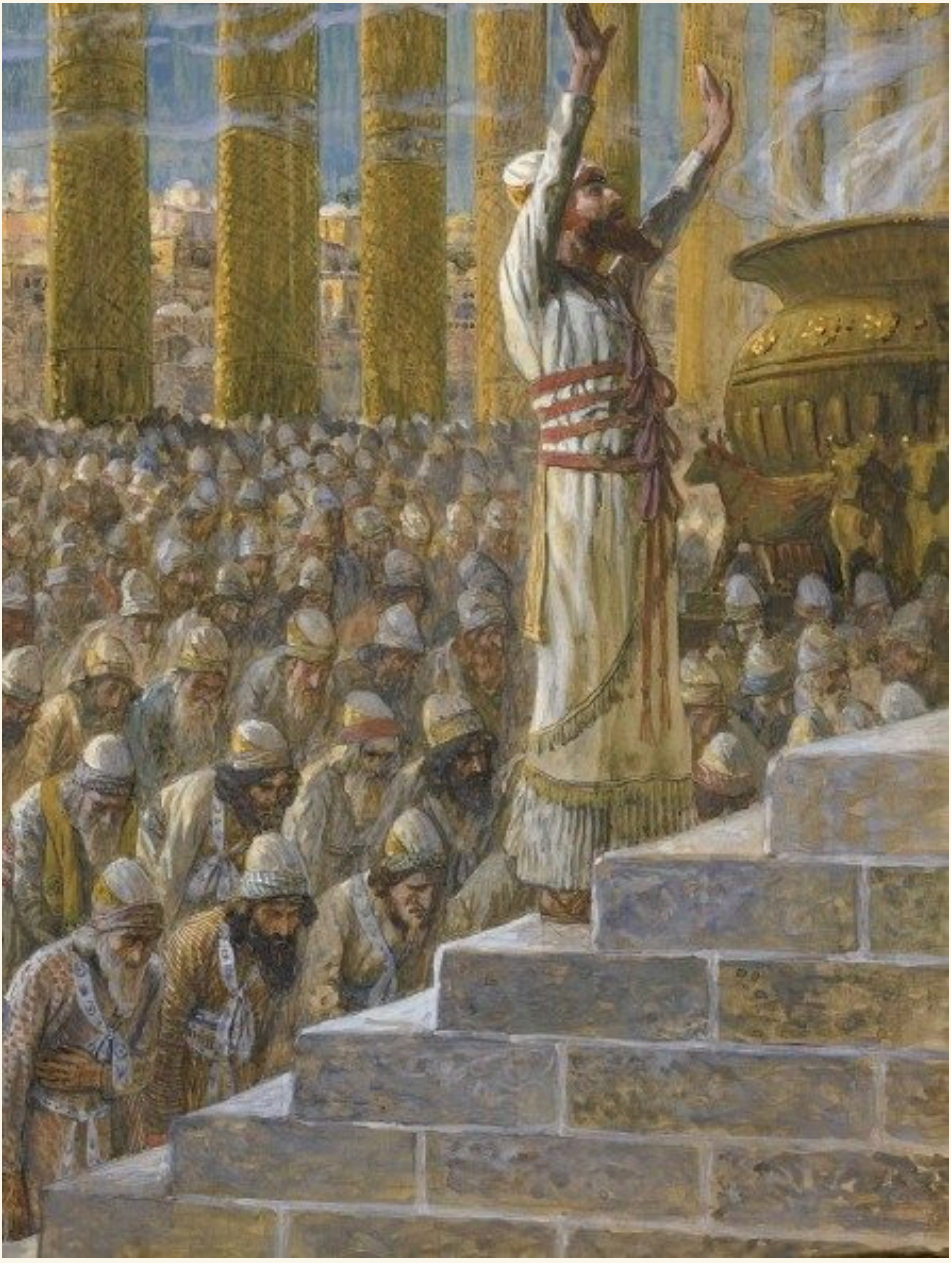
Mas a Escritura sempre guardou uma tensão. No dia em que dedicou o primeiro Templo, Salomão orou assim:



Mas será verdade que Deus habitará sobre a terra? Eis que os céus, e os céus dos céus, não te podem conter; quanto menos esta casa que eu edifiquei!

1 REIS 8:27

E pediu que Deus ouvisse quem orasse "voltado para este lugar", e que ouvisse "no lugar da tua habitação, nos céus". O Templo era o lugar do nome, a direção da oração e o lugar do perdão; a habitação de Deus estava nos céus. Séculos depois, Isaías diria com a voz de Deus: "Os céus são o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa é essa que me edificaríeis?" (66:1). O lugar único nunca quis dizer um Deus preso a um lugar.



Salomão de mãos erguidas na dedicação do Templo (1 Reis 8), aquarela de James Tissot (c. 1896-1902).

James Tissot (ou seguidores), c. 1896–1902, Salomão dedica o Templo em Jerusalém, Jewish Museum, Nova York (domínio público)

Outros templos judeus

A regra era um só Templo, mas houve exceções. No século V a.C., os judeus da guarnição de Elefantina, no sul do Egito, tinham um templo; e, no século II a.C., um sacerdote chamado Onias, fugido de Jerusalém, construiu outro em Leontópolis, também no Egito, que funcionou até ser fechado pelos romanos por volta de 73 ou 74 d.C. Jerusalém nunca o reconheceu: a Mishná diz que os sacerdotes que serviram "na casa de Onias" não podiam servir no santuário de Jerusalém. Josefo, que diz que esse templo durou 343 anos, errou a conta: foram uns 220.[4]

1. Deuteronômio 12:5, 11 e 13-14, conferidos no hebraico do Códice de Leningrado e na Septuaginta. O Pentateuco Samaritano lê "o lugar que o SENHOR escolheu" (ver HAC-S02-008).
2. Josefo, *Contra Ápion* 2.193-194; *Antiguidades* 4.200-201.
3. Fílon, *Leis especiais* 1.67-70, no grego da edição de Cohn e Wendland. Fílon também chama o universo de "templo verdadeiro" (1.66), o que mostra que a ideia de um templo maior que o edifício já existia dentro do judaísmo.
4. Josefo, *Antiguidades* 13.62-73; *Guerra* 7.420-436; Mishná, *Menachot* 13:10. Sobre Elefantina, ver a carta de 407 a.C. no fascículo HAC-S02-008.



Capítulo III

O centro da vida

O Templo não era só um lugar de culto. Era o coração do calendário, das finanças e da esperança de Israel.

Três subidas por ano

A Lei mandava: "três vezes no ano todo varão teu aparecerá diante do SENHOR, teu Deus, no lugar que ele escolher: na festa dos Pães Ázimos, na das Semanas e na das Tendas" (Deuteronômio 16:16). Os salmos de peregrinação, os "cânticos das subidas", guardaram a alegria da viagem: "Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do SENHOR" (Salmo 122:1). Lucas conta que os pais de Jesus iam "todo ano" a Jerusalém para a Páscoa (2:41). Na prática, muitos iam a uma festa por ano, e os judeus que moravam longe, quando podiam.

Em números

2.700.000 *peregrinos numa Páscoa, segundo Josefo, que diz ter contado 255.600 cordeiros com dez pessoas por cordeiro (a conta dele nem fecha: daria 2.556.000). Os historiadores pensam em algumas centenas de milhares, várias vezes a população da cidade.*

O meio siclo

O Êxodo mandava que cada israelita contado no recenseamento desse meio siclo como "resgate da sua vida" (30:12-15). No tempo do Segundo Templo, isso virou um imposto anual, que todo judeu adulto pagava, em qualquer lugar do mundo. Em Cafarnaum, os cobradores perguntaram a Pedro: "O vosso mestre não paga as didracmas?" E Jesus pagou, "para não os escandalizar" (Mateus 17:24-27).[1]

O dinheiro vinha de longe. Cícero, defendendo um governador romano em 59 a.C., lembra que era costume "exportar todo ano ouro, em nome dos judeus, da Itália e de todas as nossas províncias para Jerusalém", e o imperador Augusto mandou proteger essas remessas. Da Babilônia, fora do Império, o dinheiro subia escoltado por "muitas dezenas de milhares" de pessoas. E com esse dinheiro, diz a Mishná, se compravam os cordeiros do sacrifício diário.[2] O meio siclo de cada judeu, em qualquer canto do mundo, pagava o cordeiro que se oferecia por todos em Jerusalém.



Pátio de fora · Templo de Jerusalém



Um siclo de prata de Tiro, com a águia e a cabeça de Melqart (Biblioteca Nacional da França). Era a moeda exigida para o imposto do Templo, e por isso havia cambistas no pátio.

Siclo de Tiro, prata, Bibliothèque nationale de France, antiga coleção Louis de Clercq (domínio público)

O sacrifício contínuo

Dois cordeiros por dia, um de manhã e outro à tarde: era o *tamid*, o "contínuo" (Números 28:3-4). O da tarde era oferecido por volta das três horas, e por isso Lucas pode dizer que Pedro e João subiam ao Templo "à hora da oração, a nona" (Atos 3:1). Junto com ele, os sacerdotes ofereciam um sacrifício diário "por César e pelo povo romano". Quando, em 66, o capitão do Templo mandou suspender esse sacrifício, Josefo escreveu que aquilo "foi o lançamento da guerra contra os romanos".[3]

O tesouro

O Templo também guardava dinheiro. O segundo livro dos Macabeus conta que lá estavam os "depósitos de viúvas e de órfãos" e de famílias ricas, confiados "à santidade do lugar" (2 Macabeus 3:10-12). Quando o Templo pegou fogo, em 70, queimaram-se também os tesouros, onde, diz Josefo, "os ricos tinham levado os bens das suas casas". E a obra de reconstrução de Herodes empregava tanta

gente que, quando terminou, por volta de 64, "mais de dezoito mil" artesãos ficaram sem trabalho.[4]

Quatro sentidos do Templo

As fontes deixam ver quatro coisas que o Templo era para Israel: ***o lugar do nome e da presença*** *de Deus (Deuteronômio 12; 1 Reis 8; Salmo 84);* ***o lugar do perdão****, onde o sangue do sacrifício cobria o pecado (1 Reis 8:30);* ***a casa de oração das nações****, que Salomão pediu que ouvisse também o estrangeiro "que vier de terra distante" (1 Reis 8:41-43; Isaías 56:7); e* ***a esperança*** *do dia em que a glória voltaria e um rio sairia do santuário para curar a terra (Ezequiel 43 e 47). O Novo Testamento vai dizer que cada uma delas se cumpre em Cristo.*

1. Neemias 10:33 fala de um terço de siclo por ano. Um texto de Qumran (4Q159) queria o meio siclo "só uma vez em todos os seus dias". O imposto anual está em Fílon, *Leis especiais* 1.77-78, e em Josefo, *Antiguidades* 18.312.
2. Cícero, *Pro Flacco* 67; Josefo, *Antiguidades* 16.163-171 e 18.312-313; Mishná, *Shekalim* 4:1.
3. Números 28:3-4; Mishná, *Pesachim* 5:1; Josefo, *Guerra* 2.197 e 2.409. Fílon diz que Augusto pagava esse sacrifício das suas rendas (*Embaixada a Caio* 157); Josefo, que o pagavam os judeus (*Contra Ápion* 2.77). As fontes divergem.
4. Josefo, *Guerra* 6.282; *Antiguidades* 20.219.



Capítulo IV

Uma casa de oração para todos os povos

No dia em que dedicou o primeiro Templo, Salomão pediu a Deus que ouvisse quem pecasse, quem perdesse a guerra e quem passasse fome. Depois pediu por alguém que não era de Israel.

E também o estrangeiro, que não é do teu povo Israel e vier de uma terra distante por causa do teu nome [...] e vier orar voltado para esta casa: ouve tu nos céus, lugar da tua habitação, e faze conforme tudo o que o estrangeiro clamar a ti, para que todos os povos da terra conheçam o teu nome e te temam como o teu povo Israel.

1 Reis 8:41-43

A palavra hebraica é *nokhri*, o estrangeiro de fora, sem laço com Israel. Salomão não lhe promete um lugar no santuário; promete que Deus vai ouvi-lo. Mais de mil anos depois, Josefo recontou essa oração e pôs na boca do rei uma frase que não está no livro dos Reis: "nós não somos desumanos por natureza, nem hostis aos que não são da nossa raça". É o mesmo Josefo que descreveu as colunas que ameaçavam de morte o estrangeiro que passasse da balaustrada.[1]

O estrangeiro no monte santo

Isaías foi mais longe. No capítulo 56, fala aos "filhos do estrangeiro" que se unem ao Senhor, guardam o sábado e se apegam à aliança.

Isaías 56:7

וַהֲבִיאוֹתִים אֶל־הַר קָדְשִׁי וְשִׂמַּחְתִּים בְּבֵית תְּפִלָּתִי [...] כִּי בֵיתִי בֵּית־תְּפִלָּה יִקָּרֵא לְכָל־הָעַמִּים

"Eu os trarei ao meu santo monte e os alegrarei na minha casa de oração [...], porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos."

A Bíblia grega chama esses estrangeiros de *allogeneis* (56:6), a palavra da pedra do Templo. O nome que a balaustrada dava a quem devia parar é o que Isaías dá a quem Deus traz para dentro.

A barreira também tinha o seu versículo. Ezequiel, ao descrever o santuário futuro, ouve de Deus: "Nenhum filho de estrangeiro, incircunciso de coração e incircunciso de carne, entrará no meu santuário" (44:9). Na Bíblia grega, a palavra é de novo *allogenēs*. A pedra tinha um texto a seu favor, e a tensão estava dentro da própria Escritura: um profeta fechava o santuário ao estrangeiro incircunciso, outro anunciava o dia em que a casa seria de todos os povos.[2]

Jesus no pátio de fora



Isaías

Era no recinto de fora, aberto ao estrangeiro, que ficavam os vendedores e os cambistas, segundo o bispo anglicano B. F. Westcott, que comentou o grego de João. Ali Jesus derrubou as mesas, e Marcos é o único evangelista que guarda a citação inteira de Isaías.

Marcos 11:17

Οὐ γέγραπται ὅτι Ὁ οἶκός μου οἶκος προσευχῆς κληθήσεται πᾶσιν τοῖς ἔθνεσιν;

"Não está escrito: 'A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações'?"

Mateus e Lucas param em "casa de oração" (Mateus 21:13; Lucas 19:46). Marcos conserva as últimas palavras, *pasin tois ethnesin*, como na Bíblia grega de Isaías. *Ethnē*, "nações", é a palavra do Novo Testamento para os gentios, os que

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S01-003

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *Quem pode entrar*. O fascículo inteiro tem 74 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender

---

www.diegon.org/membros · youtube.com/@CrerParaCompreender